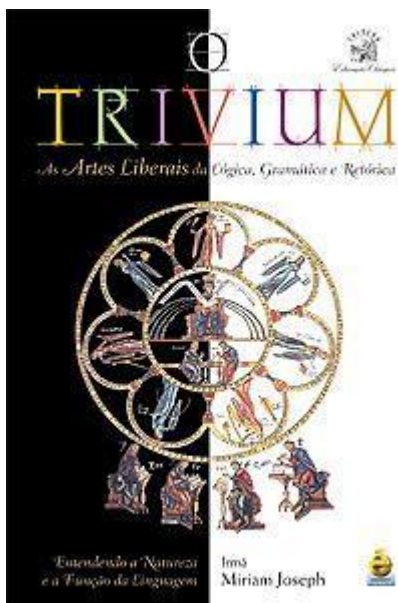


## O TRIVIUM - As Artes Liberais da Lógica, Gramática e Retórica

por José Monir Nasser em 25 de março de 2009 Análise - Resenhas



O Trivium: obra fundamental para entender o verdadeiro sentido da Educação

No Brasil, nunca se comemora em excesso o lançamento de uma obra fundamental como *O Trivium*, da irmã Miriam Joseph (1898-1982), já que não é todo dia que a indústria editorial nacional arrisca penetrar na pretensa selva escura do medievo. O desprezo da intelectualidade nacional pelos assuntos da idade média é razão da esquelética oferta por aqui de obras escolásticas, comparadas por Erwin Panofsky[1] às próprias catedrais góticas, e a explicação do nosso tímido “*vol d’oiseau*” por sobre os fundamentos civilizatórios do ocidente, entre eles a própria idéia de educação no sentido de Paidéia, de formação.

Curiosamente, nada deveria parecer mais enigmático ao cidadão brasileiro medianamente informado, que vive por aí a falar em idade das trevas, do que o escandaloso fiasco deste monstro chamado sistema nacional de ensino. No Brasil, depois de sequestrarmos as crianças de suas casas pelo menos cinco horas por dia e gastarmos com elas um quarto do orçamento, descobrimos oito anos depois, atônitos, que a maioria não sabe ler... E isto, apesar de todas as siglas atrás das quais se esconde a bilionária incompetência pública.

O enigma da baixíssima eficiência do ensino, que não é fenômeno exclusivamente brasileiro, foi em parte resolvido na década de setenta pelo padre austríaco Ivan Illich (1926-2002), que propôs a sociedade sem escolas “*tout court*”. A tese de Illich, cujo mérito avulta na proporção direta do fracasso educacional geral, é que o sistema de ensino não tem por objetivo realmente educar, mas somente distribuir socialmente os indivíduos, por meio do ritual de certificados e diplomas. A escola formal, esta que Illich deseja suprimir, não é um meio de educação, mas um meio de “promoção” social, fato que as pessoas humildes revelam perceber quando insistem com o Joãozinho: *estude, meu filho, estude...*

Como se vê, vamos decifrando o mistério à medida que desprezamos a falsa equação entre ensino e educação. O sistema de ensino não produz educação, porque está ocupado demais em produzir documentos. Educação terá de ser buscada preferencialmente alhures, fora do sistema. É claro, sempre haverá um professor ou outro que, valendo-se da apatia do sistema, dará, por sua própria conta, aulas magistrais e educará de fato, contanto que seus alunos o desejem - o que, obviamente, nem sempre é o caso.

Temos aí uma espécie de lei geral com correlação inversa: a capacidade de educar alguém é inversamente proporcional à oficialidade do ato e diretamente proporcional à liberdade de adesão do educando. A educação prospera mais quando se a procura livremente. Este é o sentido da palavra “liberal” (de *liber*, livre) nas Sete Artes “liberais” da idade média, que eram ensinadas ao homem livre, por oposição às artes “iliberais”, ensinadas ao homem “preso”, controlado por guildas. Estas corporações de ofícios faziam grosseiramente o papel do sistema de ensino moderno, regulando privilégios econômicos e sociais.

Não só não existiu na idade média nenhuma obrigação estatal de ir à escola para aprender as Sete Artes, como ninguém imaginava usar este conhecimento como alavanca para forçar os ferrolhos do mercado de trabalho. Para ficar mais claro, com a licença da comparação, a diferença entre o ensino e a educação é a mesma que há entre a polícia e o detetive particular do cinema. A primeira tem a obrigação de desvendar o crime, por isso precisa parecer que o está resolvendo e, enquanto tem todo este trabalho de fingir, só consegue esclarecer uns poucos casos pingados. O detetive resolve todos porque está aí para isso mesmo e vai até as últimas consequências, acabando sempre com o olho roxo.

Tamanha despreensão econômica certamente soa estranhíssima aos modernos, que julgam tudo sob o ponto de vista da quantidade e imaginam que entre a educação medieval e a moderna só exista uma diferença de *quantum*. Na verdade, a diferença é de tal dimensão qualitativa que, no contrapé deste engano, perdeu-se de vista a própria idéia de educação, hoje entendida como adestramento coletivo de modismos politicamente corretos (a tal da “escola cidadã”). Nos tempos das “trevas”, educação era simplesmente *ex ducare*, isto é, retirar o sujeito da gaiolinha em que está metido e apresentar-lhe o mundo. Como já se disse, nem sempre o que vem depois é melhor.

A primeira condição para entender *O Trivium* da irmã Miriam Joseph, editado pela primeira vez no Brasil na corajosa e esmerada tradução de Henrique Paul Dmyterko, é entender que ensinar retórica, gramática e lógica fazia parte de um verdadeiro projeto de educação de que não há nada equivalente no mundo moderno.

As Sete Artes liberais da idade média, divididas em *trivium* (retórica, gramática e lógica) e *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia), tomaram esta forma por volta do ano oitocentos, quando se inaugurou o império de Carlos Magno, primeira tentativa de reorganizar o império romano, e são o resultado de lenta maturação a partir de fontes pitagóricas e possivelmente anteriores, com decisivas influências platônicas, aristotélicas e agostinianas e complementações metodológicas de Marciano Capela (início do séc. V),

Severino Boécio (480-524) e Flávio Cassiodoro (490-580), até chegar a Alcuíno (735-804), o organizador da escola carolíngia em Aix-en-Chapelle.

Como estas Sete Artes estão vinculadas a conhecimentos tradicionais, apresentam grandes simetrias com outros aspectos da estrutura da realidade, permitindo, por exemplo, analogia com o sentido simbólico dos planetas, relacionando a retórica com Vênus; a gramática com a Lua; a lógica com Mercúrio; a aritmética com o Sol; a música com Marte; a geometria com Júpiter e a astronomia com Saturno. Que ninguém pense, portanto, que haja arbitrariedade na concepção septenária do sistema. Simbolicamente, o sete representa, como ensina Mário Ferreira dos Santos<sup>[2]</sup>, “a graduação qualitativa do ser finito”, isto é, um salto qualitativo, uma libertação, como um sétimo dia de criação que abre um mundo de possibilidades. Como se poderia representar a educação melhor do que por esse simbolismo?

O estudante das Artes começava a vida escolar aos catorze anos (tardíssimo para os padrões modernos, mas não sem alguma sabedoria), participava de um regime de estudo flexível com grande liberdade individual e vencia em primeiro lugar os “três caminhos” do *trivium*, mais tarde descritos por Pedro Abelardo (1079-1142) como os três componentes da ciência da linguagem. Para Hugo de São Vítor (1096-1141), no “Didascálicon”, “a gramática é a ciência de falar sem erro. A dialética<sup>[3]</sup> é a disputa aguda que distingue o verdadeiro do falso. A retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente”<sup>[4]</sup>. A irmã Miriam Joseph, muito acertadamente, diz no primeiro capítulo que “o *trivium* inclui aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à mente, e o *quadrivium* aqueles aspectos das artes liberais pertinentes à matéria.” No entanto, ninguém expressou com mais contundência o valor das Artes como Honório de Autun (c.1080-1156), com a famosa fórmula: “O exílio do homem é a ignorância, sua pátria a ciência... e chega-se a esta pátria através das artes liberais, que são igualmente cidades-etapas.” <sup>[5]</sup>

De fato, uma vez vencido o desafio da mente, o *trivium*, o estudante medieval passava ao *quadrivium*, o mundo das coisas e, dele, lá pelos vinte anos, se pudesse e quisesse, para a educação liberal superior que, na época, se resumia à teologia, direito canônico e medicina, as faculdades das universidades do século XIII. As profissões de ordem artesanal, como construção civil, não eram liberais, mas associadas a corporações de ofícios, como a dos mestres-construtores, às vezes com conotações iniciáticas (maçons).

O *trivium*, de fato, funcionava como a educação medieval, ensinando as artes da palavra (*sermocinales*), a partir das quais é possível tratar os assuntos associados às coisas e às artes superiores. A escolástica, o mais rigoroso método filosófico já concebido, e que floresceria sobretudo no século XII, foi construída sobre os alicerces do *trivium*: a gramática zela para que todos falem da mesma coisa, a dialética problematiza o objeto de discussão (*disputatio*) e a lógica é antídoto certo contra a verborragia vazia, o conhecido *fumus sine flamma*.

A expressão universitária americana *master-of-Arts* guarda, até hoje, resquícios desta graduação inicial, base dos estudos superiores, que convergiam para o doutorado (no sentido medieval, não no sentido moderno). A faculdade de Artes liberais, freqüentemente associada às universidades medievais, sem ser um curso superior propriamente dito, era o que lhe dava sustentação e de certo modo bastava-se a si própria. Explica Jacques Le Goff:

“Lá (na faculdade de Artes) é que se tinha a formação de base, daquele meio é que nasciam as discussões mais apaixonadas, as curiosidades mais atrevidas, as trocas mais fecundas. Lá é que podiam ser encontrados os clérigos pobres que não chegaram até a licença, muito menos ao custoso doutorado, mas que animavam os debates com suas perguntas inquietantes. Lá é que se estava mais próximo do povo das cidades, do mundo exterior, que se ocupava menos em obter prebendas e em desagradar a hierarquia eclesiástica, que era mais vivo o espírito leigo, que se era mais livre. Lá é que o aristotelismo produziu todos os seus frutos. Lá é que se chorou como uma perda irreparável a morte de Tomás de Aquino. Foram os *artistas* que, numa carta comovedora, reclamaram da ordem dominicana os despojos mortais do grande doutor. O ilustre teólogo foi num deles.” <sup>[6]</sup>

Cada elemento do *trivium* contém potencialmente as habilidades filosóficas da vida intelectual madura. Esta é a razão pela qual o projeto educacional da irmã Miriam, profundamente influenciado pelo filósofo americano Mortimer Adler (1902-2001), foi concebido como preparação de estudantes para a vida universitária, fosse qual fosse o curso. Em 1935, quando incorporado ao currículo do *Saint Mary's College*, o curso “*The Trivium*” era exigido de todos os calouros e durava dois semestres, com aulas cinco vezes por semana. Santo Agostinho (354-430), mil e seiscentos anos antes, havia feito, a seu modo, a mesma tentativa de preparação intelectual com sua “Doutrina Cristã”, uma espécie de iniciação intelectual para estudar as Escrituras.

Na prática e salvo engano, no mundo moderno, a única tentativa de recuperar o espírito do *trivium* foi a parceria da irmã Miriam Joseph com Mortimer Adler. Este, querendo restaurar a cultura clássica na universidade americana, e aquela, preparando o aluno para poder debater os conteúdos dos grandes autores com precisão gramatical e coerência, concordando com Heráclito<sup>[7]</sup> que pregava a seus alunos a impossibilidade da retórica sem a lógica.

O mundo moderno, Brasil incluído, hipnotizado pelo esquema do ensino universal, perdeu completamente de vista a conotação individual e “iniciática” que é a alma da verdadeira educação e a essência do *trivium*. Mesmo nos Estados Unidos, a experiência da irmã Miriam Joseph ficou restrita a um pequeno grupo de universidades católicas. Por aqui, quase não há interlocutores capacitados para debater o assunto.

Mesmo sem pretender tratar aqui fenômeno tão complexo, registre-se que o sistema educacional tradicional entrou em declínio já no século XIV, lentamente minado por fora e por dentro, sob a orquestração do nascente “humanismo”, até desabar no Renascimento, pela mão do teólogo e místico checo Jean Amos Comenius (1592-1670) que, na principal obra, “*Magna Didactica*”, não apenas faz pouco das Sete Artes como estabelece as bases das pedagogias modernas, desenhadas para fins de ensino e não de educação. Entre

outras coisas, Comenius inventou o jardim da infância. Na advertência ao leitor, que abre sua “*Magna Didactica*”, o teólogo rascunha o plano-mestre de seu admirável mundo novo pedagógico.

“Ouso prometer uma grande didática, uma arte universal que permita ensinar todos com resultado infalível; de ensinar rapidamente, sem preguiça ou aborrecimento para alunos e professores; ao contrário, com o mais vivo prazer. Dar um ensino sólido, sobretudo não superficial ou formal, conduzindo os alunos à verdadeira ciência, aos modos gentis e à generosidade de coração. Enfim, eu demonstro tudo isso *a priori*, com base na natureza das coisas. Como de uma nascente correm os pequenos riachos que vão unir no fim num único rio, estabeleci uma técnica universal que permite fundar escolas universais.”[8]

Mesmo uma análise rápida desta declaração descobrirá nela o DNA da pedagogia moderna nas suas características estruturantes: triunfalismo, epicurismo, massificação do ensino, uniformização do conteúdo, automatização da aprendizagem e insensibilidade às individualidades. A UNESCO, naturalmente, homenageia Comenius com sua maior condecoração. Se a miséria do ensino moderno tem pai, o seu nome é Comenius. E, se alguma coisa vai à direção contrária do *trivium*, é esta “natureza das coisas” de onde vêm estas “escolas universais” e cujo resultado até agora parece ter se limitado a produzir milhões de indivíduos idiotizados.

Visto desta perspectiva histórica, *O Trivium*, este tesouro redescoberto pela irmã Miriam Joseph, é mais que um manual para desenvolver a inteligência, é uma luz brilhando na escuridão dos abismos em que atiramos a verdadeira educação.

*José Monir Nasser*

#### Nota do Tradutor

por Henrique Paul Dmyterko

Há quem diga que a melhor paga de um tradutor é não ser percebido. Outros, que tradutor é traidor. Em face disso, lanço-me à temerária, mas breve, tarefa de descrever algo do processo de tradução e adaptação de *O Trivium*, de autoria da Irmã Miriam Joseph. Mas antes me permitam algumas palavras sobre os motivos da tradução: desde a adolescência - e já se vão trinta anos - lia referências e menções às Sete Artes liberais, ao *trivium* e ao *quadrivium*, nas saudosas páginas do *Suplemento Cultural* de *O Estado de S. Paulo*. A curiosidade ficou aguçada, mas, à época, outros interesses e obrigações me desviaram daquilo que eu ainda não sabia ser a verdadeira educação. Em junho de 2005, via Internet, deparei-me com oferta da última edição americana do livro *The Trivium*. Comprei-o e, ato contínuo, passei a elaborar um resumo traduzido, para meu estudo e, quiçá, para benefício de amigos e colegas. Todavia, logo percebi que o livro original já era um resumo magistral, riquíssimo e sucinto ao mesmo tempo. Restaram-me duas opções: a tudo abandonar ou traduzir o livro por inteiro. Traduzi. O trabalho iniciado em 2005 foi concluído somente em maio de 2007, dadas as dificuldades intrínsecas à adaptação de obra tão clara, mas tão minuciosa e cheia de sutilezas, e também em função das inúmeras vicissitudes da vida. Vale dizer que a empreitada não me foi encomendada, mas sim fruto de uma dessas teimosias prazerosas, próprias de apreciadores de livros. Fiz porque quis, por assim dizer, sem qualquer perspectiva de publicação. Mais tarde, porém, tive a imensa sorte e o privilégio de ser apresentado a um editor corajoso, Edson Filho, que de pronto percebeu a importância da obra no contexto da educação liberal.

Também é necessário lembrar aqueles que, na medida de suas possibilidades e nos intervalos dos seus muitos afazeres, prestaram-me, de bom grado e com dedicação tocante, ajuda quanto à leitura dos três capítulos iniciais, além de orientações técnicas sobre notas e referências: Luciane Amato, Fernando de Moraes e Simone Caldas. Imprescindível também é agradecer o denodo e extremo profissionalismo da revisora, Liliana Cruz, com quem finalmente me senti seguro de que o resultado final da tradução seria o melhor possível, ao menos diante do que ela tinha em mãos. Agradeço também a especial gentileza de José Monir Nasser, quando este aceitou, com grande entusiasmo, o convite para prefaciar esta primeira edição brasileira de *O Trivium*, demonstrando seu habitual brilhantismo e erudição na apresentação do histórico das artes liberais e na introdução do conceito de uma educação que ainda estamos a esperar.

Mas tenho outras dívidas a reconhecer. Além dos inúmeros dicionários especializados, tal como o *Dicionário de Filosofia* de José Ferrater Mora, das obras completas de Aristóteles, Platão, Shakespeare e de tantos outros, sou devedor das obras de dois grandes brasileiros: Napoleão Mendes de Almeida e Massaud Moisés. Estes últimos tornaram mais segura a adaptação dos Capítulos 3 e 11, respectivamente. Se neles há falhas, são minhas.

Sobre o Capítulo 3, há algumas observações importantes para o leitor: a Gramática Geral, teoricamente, é aplicável a toda e qualquer língua indo-européia. Repetindo a autora: “A gramática geral é mais filosófica que as gramáticas especiais porque está mais diretamente relacionada à lógica e à metafísica - ou ontologia. Consequentemente, ela difere um pouco das gramáticas especiais no que diz respeito ao ponto de vista e à classificação resultante, tanto na análise morfológica quanto na análise sintática”. No caso do livro original, obedece-se à gramática da língua inglesa para expressar conceitos da gramática geral, esta com terminologia própria e algo diferente daquela da gramática inglesa. O desafio foi transpor esses conceitos e terminologia para a língua portuguesa.

Pois o fato é que a gramática geral fala de algo que nos parece familiar: por vezes é, por outras não é. Do ponto de vista da estrutura do livro, é o capítulo chave, o elo que permitirá a melhor compreensão dos capítulos da lógica (proposições, silogismos, falácias, etc.) e retórica. Esse era o objetivo da Irmã Miriam Joseph nesse Capítulo 3 e, se consegui manter esse elo, me dou por satisfeito. Os puristas podem torcer o nariz e algum pode até querer, equivocadamente, transformar o referido capítulo num compêndio de gramática da língua portuguesa.

Creio que seja útil lembrar ao leitor que o exemplar de *O Trivium* que ele ora tem em mãos não é mera tradução, mas também uma adaptação que levou em conta aquilo que julguei ser necessário aos leitores brasileiros, pois se trata de um livro-texto de um curso ministrado durante dois semestres em instituições americanas de ensino superior (os Colleges), com cinco aulas semanais. Alguns

exemplos criados pela autora, Irmã Miriam Joseph, se traduzidos simplesmente, perderiam totalmente o efeito pretendido. Nesses casos, fui obrigado a “criar”, a adaptar e a acrescentar. Outro detalhe importante a ressaltar é que esse livro teve quatro edições nos Estados Unidos: em 1937, 1940, 1948 e em 2002. Nas três primeiras edições, a autora apenas indicava os trechos de More, Shakespeare, Milton, Dante, Platão, etc., mas não os reproduzia, cabendo aos estudantes a tarefa de pesquisa em bibliotecas. Somente a edição de 2002, a que eu traduzi e que o leitor terá como guia e companheira de estudos, contém a reprodução dos trechos citados. Por um lado, isso enriqueceu o livro, e por outro dificultou a adaptação, a depender do caso em que o trecho foi inserido: se como exemplo de uma regra gramatical, de regra lógica, de uma sequência rítmica, etc. Em alguns casos, consegui apresentar a tradução do essencial para o exemplo; em outros, a tradução já existia, mas não servia. Noutros casos, deixei o trecho em inglês, sem tradução, pois a grafia e a sequência davam conta dos subsídios necessários à compreensão do leitor. Enfim, no Brasil, o *trivium*, o cruzamento de três caminhos (lógica, retórica e gramática), há muito aguardava sair do esquecimento ou da ignorância. Que o leitor desta pequena jóia, traduzida com a obstinação que vem do encanto, se transforme num estudante e bem se prepare para a inserção na cultura universal.

*Henrique Paul Dmyterko*

Irmã Miriam Joseph, C.S.C., Ph. D., *O Trivium – As Artes Liberais da Lógica, Gramática e Retórica*, São Paulo, É Realizações, 2008

[1] Panofsky, Erwin. “*Arquitetura Gótica e Escolástica*”, São Paulo, Martins Fontes, 1991.

[2] Santos, Mário Ferreira, “*Tratado de Simbólica*”, São Paulo, É Realizações, 2007

[3] Depois da redescoberta da “nova lógica” de Aristóteles, no séc.XII, passou a se denominar lógica.

[4] São Vítor, Hugo. “*Didascálicon*”, Petrópolis, Editora Vozes, 2001

[5] In Goff, Jacques. “*Os intelectuais na Idade Média*”, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2003, p.84.

[6] In Goff, Jacques, “*Os intelectuais na Idade Média*”, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2003, p.144-145

[7] in Sábato, Ernesto. “*Heterodoxia*”, Campinas, Papirus, 1993, p.120

[8] in Berthoud, Jean-Marc, “*Jean Amos Comenius et les sources de l'idéologie pédagogique*”, tradução de José Monir Nasser.